

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

“Toyotismo: Prisão Para a Mente”

Anne Geraldi Pimentel¹

“Sei que está aí.
Eu sinto você agora
Sei que está com medo
Está com medo de nós
Está com medo de mudanças
Não conheço o futuro
Eu não vim dizer como isso vai
acabar
Eu vim dizer como vai começar
Vou desligar este telefone
E mostrar a essas pessoas o que não
quer que elas vejam
Vou mostrar a elas um mundo sem
você
Um mundo sem regras e controle,
sem limites e fronteiras
Um mundo onde tudo é possível
Para onde vamos daqui, é uma
escolha que deixo para você”

Cena do filme Matrix

INTRODUÇÃO:

A discussão que proponho neste trabalho é mostrar uma teia ideológica que domina e captura o sujeito social – o toyotismo. A idéia surgiu quando assisti ao filme Matrix pela primeira vez. Interessante é informar ao leitor que minha relação com este filme se deu de forma inesperada, formei um pré-conceito sobre seu

¹ Mestranda em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), da cidade de Niterói

enredo, acreditei (sem ter visto) que era um mero filme de ação americano, como tantos outros, assim quando fui ao cinema e o filme que estava em cartaz era “Matrix”, recusei-me a assisti-lo. Muitos anos mais tarde, acabei assistindo-o num canal aberto da televisão, ainda sem o menor interesse, somente por total falta de opção. Mas felizmente, surpreendi-me, passei a ter interesse na discussão que o permeia. Uma questão filosófica, a criação de um mundo virtual que controla a vida dos seres humanos.

Utilizarei o filme Matrix como suporte para entender, primeiramente, como conceito de alienação de Marx. Assim, chamo de “mundo virtual” (como no filme “Matrix”) aquele que é criado e controlado pelo capital, no qual o trabalho não é mais atividade que ofereça ao homem “satisfação em si por si mesma”, como diz Mészáros², uma negação de seu ser natural; e de “mundo real” aquele em que o homem realizaria enquanto ser natural e emancipado.

No primeiro capítulo será discutida a importância do trabalho para a vida humana, e o quão degradado ele se torna dentro do sistema capitalista de produção. Tenta-se explicar, de forma simplificada, a questão do estranhamento imposto pelo capital ao trabalhador assalariado, tornando-o um ser que não reconhece no trabalho o que o torna humano, mas somente uma forma de subsistência. Justifica-se, portanto, a importância deste primeiro tópico, no qual será estudado, mesmo que em linhas gerais, a teoria da alienação do pensamento marxista. Pois a principal característica da alienação é a “conversão dos seres humanos em coisas, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado [...]”³. E é este mercado, onde ocorrem a compra e a venda (supostamente livre) da força de trabalho, que seria o “mundo virtual” que se impõe como uma prisão para o corpo do trabalhador assalariado.

No segundo capítulo, elucida-se um pouco a teoria de Taylor e Ford, que tentam implementar no processo produtivo, já estranhado, uma forma de libertá-lo do processo manual de trabalho, que ainda dependia do trabalhador, aprofundando ainda mais o estranhamento do trabalhador. No entanto, procura-se deixar claro, que este se dá de forma objetiva, nesta etapa, o capital, ainda não domina o sujeito na forma que o torna mais peculiar: sua mente.

²MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006, p.20.

³ Ibidem, p.39

Já no terceiro capítulo, apresentarei o toyotismo, como a forma mais aprofundada de sujeição do trabalhador ao capital. No sistema Toyota de produção há um aumento, não só quantitativo, mas, principalmente, qualitativo do controle do trabalhador. Ocorre a captura da subjetividade do trabalhador. Agora, não só seu corpo pertence ao capital, mas também sua mente.

E é no quarto capítulo que se busca explicar essa dominação ideológica do capital, que coloca os trabalhadores em uma prisão ilusória que faz com que pensem que têm uma parcela de sugestão dentro do processo produtivo, o que, em verdade, não ocorre, pois a concepção e a execução da produção pertencem ao capital.

1- Do trabalho ao trabalho assalariado

O trabalho é a condição básica e fundamental de toda vida humana, é o ato pelo qual o homem produz e reproduz sua existência. Marx e Engels afirmam que é o trabalho que cria o próprio homem, distinguindo-os dos animais⁴. E é no trabalho que o homem se realiza como ser social, e é no trabalho que efetiva a produção e a reprodução de sua existência. Antunes (1995, p. 121) cita a passagem de O capital, onde Marx diferencia o pior homem de melhor abelha, o primeiro idealiza o resultado antes de produzi-lo, capacidade que é inerente ao homem e que o diferencia de outros animais.

No modo de produção capitalista este trabalho se encontra de forma estranhada⁵, onde o trabalhador está desprovido não só do objeto que produz, como também, dos meios de produção, ou seja, o trabalho não mais faz parte da natureza do trabalhador, torna-se exterior a ele. Uma das determinações desta exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro. Assim, o trabalhador, para obter seus meios de subsistência, passa a vender a única mercadoria que lhe resta: sua força de trabalho.

É a partir do controle deste trabalho (alienado) que se cria um “mundo virtual”, hipótese que encontra amparo nas palavras de Mészáros⁶:

⁴ Marx; Engels, Obras escolhidas, p. 269 a 280.

⁵ MARX, 1993, p.157 a 172.

⁶ MÉSZÁROS, 2006, p. 146, sublinhei para destacar, mas, no original, os grifos em negrito são da fonte citada pelo autor.

A objetivação sob condições em que o trabalho se torna exterior ao homem assume a forma de um poder alheio que confronta o homem de uma maneira hostil. Esse poder exterior, a propriedade privada, é 'o produto, o resultado, a consequência necessária, do trabalho exteriorizado [alienado], da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo'. Assim, se o resultado desse tipo de objetivação é a produção de um poder hostil, então o homem não pode realmente 'contemplar a si mesmo num mundo criado por ele', mas, submetido a um poder exterior e privado do sentido de sua própria atividade, ele inventa um mundo irreal, submete-se a ele, e com isso restringe ainda mais a sua própria liberdade.

O capital ao comprar esta força de trabalho procura retirar o maior proveito possível desta mercadoria, sempre encontrando formas para sua exploração. Em Marx, isto é a avidez que o capital tem de produzir a mais-valia⁷.

Então, percebe-se, no sistema capitalista de produção, que o processo de valorização é dominante e, ao qual subordina o processo de trabalho. Assim, procura-se organizar a produção de formas a obter mais-valia, esta é a lei absoluta deste sistema.

Segundo Neto (1991, p. 23), em consequência desta busca incessante pela valorização do capital, tem-se a explicação das mudanças ocorridas no processo do trabalho dentro da sociedade capitalista. "Essas mudanças não são outra coisa senão o ajustamento das bases técnicas da produção às determinações da lei de valorização".

Contudo, ainda conforme o mesmo autor, este processo de valorização na produção capitalista encontra um entrave para o seu desenvolvimento, é a dependência em relação ao trabalho vivo, à habilidade do trabalhador manual⁸. E são os fenômenos do fordismo e taylorismo que procuram eliminar esta barreira.

2- Fordismo-Taylorismo: a sua dominação

Tanto o taylorismo como o fordismo, são formas de organização do trabalho, surgidas na virada do século XIX para o século XX, que buscam estratégias para a libertação do capital da dependência em relação ao trabalho vivo.

Para Taylor, o problema era que "os trabalhadores estão atados aos reais processos de trabalho"⁹, pode-se dizer que, para ele, os reais processos de trabalho referem-se aos limites encontrados pelo trabalho humano, portanto, a dependência em relação ao trabalho vivo. E, a partir desta premissa, Taylor se propõe a resolver o problema desta dependência e estabelece alguns princípios de administração:

⁷ Mais-valia é o valor excedente ao valor primitivo do capital empregado na produção e circulação de mercadorias. (Marx, 1998, p.181)

⁸ NETO, 1991, p. 27

⁹ BRAVERMAN, apud NETO, 1991, p. 30.

1. Dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores
2. Separação de concepção e execução
3. Utilização do monopólio do conhecimento para controlar cada fase de trabalho e seu modo de execução

.....
 O taylorismo caracteriza-se como uma forma avançada de controle do capital (com o objetivo de elevar a produtividade do trabalho) sobre processos de trabalho nos quais dependia da habilidade do trabalhador, seja em funções simples ou complexas. De que forma? Através do controle de todos os tempos e movimentos do trabalhador, ou seja, do controle (necessariamente despótico) de todos os passos do trabalho vivo. (NETO, 1991, p.34, grifo nosso)

No mesmo sentido, o grande desafio de Ford foi intensificar o trabalho manual, para isso busca parcelarizar o trabalho, e institui a chamada linha de montagem, onde os trabalhadores e suas ferramentas se dispõem de forma a economizar tempo, que é controlado pelo sistema de esteiras rolantes, que ditam a velocidade que o trabalhador deve seguir.

Com este sistema fordista-taylorista o objetivo era a produção de bens de consumo em massa, pois a economia de tempo para execução de uma tarefa, por meio da parcelarização do trabalho, controle de movimentos e a esteira, produzia-se em maior escala.

Todos estes princípios estão aliados a base tecnológica que foi veículo que não só permitiu, como aprofundou o processo de estranhamento.

O objetivo de explicitar, em linhas gerais, o que é o taylorismo e o fordismo se deve à necessidade de identificar, dentro destes fenômenos, o modo de dominação que o capital impõe ao trabalhador.

Observa-se, que nestas formas de organização do trabalho está presente uma sujeição do trabalhador, mas ainda se dá de forma objetiva, através do controle do tempo e do movimento do trabalho. Portanto, o estranhamento fordista-taylorista se dá de forma objetiva, parece que, no “mundo virtual”, há o controle do corpo do trabalhador . Aqui, ainda não se observa um fenômeno que será inaugurado pelo sistema Toyota de produção, a sujeição subjetiva, como se irá verificar nos próximos capítulos.

3- O que é Toyota?

Dentro do cenário mundial, a partir da década de 70, quando houve grandes mudanças, impulsionadas principalmente pelas crises do petróleo (1973 e 1979) e pela chamada crise de “super-produção” do capital, que como já vimos, é dada pela

característica inflexível do modelo de produção fordista-taylorista, onde é o mercado que passa a caracterizar o consumo, já não se tem mais a produção em massa que, como vimos, era uma das características do período da organização do trabalho fordista-taylorista. Assim, como o papel histórico do modo de produção capitalista é desenvolver as forças produtivas, este é seu processo civilizatório, encontrando-se em crise, precisava encontrar maneiras pelas quais poderia se manter.

Foi, inicialmente, nos governos de Reagan e Thatcher, que se dá início ao processo de mudança, no âmbito político, passa-se de uma ação estatal intervencionista a uma neoliberal, e, no âmbito econômico, tem lugar a reestruturação produtiva. No Brasil, os reflexos de uma nova ordem política e econômica começaram a aparecer com o governo de Collor. Continuando a ser implementada e aprofundada no Brasil com o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Esta foi a maneira que o capitalismo encontrou para se recriar, de se renovar, de continuar se desenvolvendo. A este processo, Otávio Ianni chama de globalização.

Para Ianni (1997, p.36), esta globalização, que, em suas palavras, é um processo de mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação antagonismos e integração que alcança todas as esferas da vida social, coletiva e individual que está em curso possui características que configuram a sociedade universal, dentre elas cita a questão da política neoliberal:

O ideário do neoliberalismo adquire predomínio mundial, como ideologia e prática, modo de compreender e de agir, forma de gestão do mercado e poder político, concepção do público e privado, ordenação da sociedade e visão do mundo (IANNI, 1997, p. 59)

É dentro desta nova ordem mundial, desta visão neoliberal, que o processo de reestruturação produtiva toma um incrível fôlego, amadurece e se expande, como um complexo de fenômenos, onde as empresas adotam estratégias de racionalização, redução de postos de empregos. Além disso, tem-se observado aumento da massa de trabalhadores que têm empregos precários, temporários, a tempo parcial, os subcontratados, terceirizados. E como diz Antunes (1995, p.44):

essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições da trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial.

Assim, o toyotismo aparece como uma nova forma de organização do trabalho em substituição do antigo modelo fordista-taylorista que era extremamente inflexível e que coloca as indústrias em uma crise de super produção.

O modelo toyotista de produção, na verdade, não rompe com a lógica de racionalização do sistema de produção fordista-taylorista, mas se articula e se mescla com os dispositivos deste sistema e, ainda, inaugura o dispositivo da flexibilidade, princípio que “articula um nexo essencial – o nexo do envolvimento subjetivo do trabalho que implica na captura da subjetividade do trabalho pelo capital, e os nexos “contingentes” da produção fluida e da produção difusa”¹⁰. Este princípio modifica a estrutura da organização do trabalho.

Antunes (1995, p.34), pois acredita que, com o modelo toyota de produção há uma sujeição do ideário do trabalhador ao capital, e que é qualitativamente diferente e de maior intensidade do que a existente no fordismo-taylorismo. Diz ainda, que essa sujeição é, no toyotismo, de forma que procura o consentimento e a participação do trabalhador, um “envolvimento cooptado”, ele

deve pensar e agir para o capital, para a produtividade, sob a aparência da eliminação efetiva do fosso existente entre a elaboração e execução no processo de trabalho. Aparência porque a concepção efetiva dos produtos, a decisão do que e de como produzir não pertence aos trabalhadores (ANTUNES, 1995, p. 34, sublinhei).

Alves, também aponta para esta questão da captura da subjetividade do trabalhador no toyotismo, quando o situa como “momento predominante” do complexo de reestruturação produtiva, nos anos 80, onde consegue alcançar um poder ideológico e estruturante:

...o conceito de toyotismo é limitado à compreensão de uma nova lógica capitalista de produção de mercadorias, novos princípios de administração da produção capitalista, de gestão da força de trabalho, cujo valor universal é constituir uma nova hegemonia do capital na produção, por meio da captura da subjetividade operária pela lógica do capital. (ALVES, 2001, p. 31, sublinhei)

Compreende-se, então, a forma de organização de trabalho Toyota como um modo de pensar que se impõe, uma ideologia que domina, e seu controle envolve a todos e é de tal forma que não se percebe que há outras saídas. É desta forma que, no próximo capítulo, procurar-se-á explicar melhor essa questão do controle ideológico do toyotismo. Para isso, faz-se um paralelo com o filme Matrix, onde há uma

¹⁰ ALVES, 2001, p.181 a 182, sublinhei

realidade imposta aos seres, tornando-os escravos de um pensamento, sem que nem mesmo saibam que estão presos.

4- O controle em Toyota

O que é Matrix?

É a procura da resposta a essa pergunta que leva Neo (Keanu Reeves) até Morfeu (Laurence Fishburne), um dos agentes, que se pode dizer, revolucionário. Em síntese, Matrix é uma ilusão (mundo virtual) criada para a dominação dos seres, para que não vejam a realidade (mundo real), é um mundo criado para que não se perceba que todos são escravos, uma prisão para a mente, que visa o controle das pessoas que nela vivem e que nem mesmo a percebem, pois esta prisão não se consegue sentir ou tocar. Matrix é um mundo gerado por computador, feito para controlar e transformar seres humanos em uma energia controlada.

Marx (1997, p. 60) diz, em seu Manifesto do Partido Comunista, que sempre houve um antagonismo entre as classes de opressores e a de oprimidos, no entanto, também expõe que, para que haja “uma classe seja oprimida, é preciso que lhe sejam asseguradas condições nas quais possa se dar continuidade à sua existência servil”.

É no sistema Toyota que o capital encontra essas condições na sua forma mais arrebatadora. A captura da subjetividade do trabalhador, o capital consegue, por meio do consentimento, enredar o trabalhador no mundo ilusório criado pela Toyota, com objetivo de escravizá-lo, ou pelo menos mantê-lo escravo, alimentando o processo de valorização imanente ao capital.

Tudo isso, parece trazer, conseqüências para a formação da consciência de classe, a noção do trabalhador enquanto classe oprimida e desapropriada daquilo que a torna humana. Tudo indica, que o toyotismo traz em seu bojo uma fragmentação da consciência de classe.

Alves também compartilha desta opinião, no livro intitulado O novo (e precário) mundo do trabalho, em um dos capítulos saliente esta questão da fragmentação da consciência de classe e a importância deste fenômeno para o mundo do

trabalho. “Há uma crise dos ‘intelectuais orgânicos’ da classe, sindicatos e partidos socialistas, capazes de desenvolver a consciência necessária de classe”¹¹.

Assim, pensa-se na questão do enfraquecimento do sindicato como um elemento impulsionador e organizador da classe operária, debilitando-a em seu aspecto político e ideológico, tornado-a, como Alves diz, em “sindicatos neocorporativos de cariz propositivo”.

O desenvolvimento de novas estratégias sindicais neocorporativas de cariz propositivo, que pode se considerado um defensivismo de novo tipo, tende a desvincular o ‘novo sindicalismo’ do processo de contestação social à lógica do capital no campo da produção. A partir daí, o sindicalismo tende a perde sua dimensão antagônica capaz de impulsionar o desenvolvimento da consciência d classe, abdicando de pleitear o controle da produção capitalista, uma das principais bandeiras do sindicalismo de classe e intervindo apenas para influenciar, no sentido propositivo, numa produção sob a direção capitalista (ALVES, 2001, p. 13).

E é neste ponto que encontramos a semelhança de Matrix com o Toyotismo. Pois este, tal como Matrix, parece ser um mundo criado, ideologicamente, com o objetivo de capturar a mente do trabalhador, atrair seu consentimento, mantê-lo escravo em uma prisão que não se pode sentir ou tocar. Assim é Matrix, assim é o Toyotismo.

CONCLUSÃO

Na última cena de Matrix, que se encontra em epígrafe, introduz-se um elemento revolucionário, pois Neo, falando supostamente a um dos agentes de Matrix, diz que, apesar de não conhecer o futuro, ele sabe que existe um outro mundo, sem regras e controle, sem limites e fronteiras, um mundo onde tudo é possível.

Esta cena é interessante, na medida que se deve mostrar que existem outras alternativas para o nosso mundo, onde hoje predomina um capitalismo selvagem, cruel, capaz de escravizar seres humanos, colocando-os em uma prisão ideológica, retirando deles aquilo que os torna humanos, que os diferencia dos animais: o TRABALHO.

Escrevo em letras garrafais para diferenciar-se do trabalho assalariado, estranhado, ao qual é se submetido pelo capital. Um trabalho que não pertence ao trabalhador, por isso estranhado, um trabalho que não só lhe é imposto, um modo de obter seus meios de subsistência. O homem trabalhador já não mais se

¹¹ ALVES, 2001, p. 65

reconhece naquilo que produz, seu trabalho não o satisfaz, não se realiza enquanto ser humano. Marx (1993, p.162) elucida em uma passagem dos Manuscritos Filosóficos:

...o trabalho é exterior ao trabalhador, quer dizer, não pertence à sua natureza; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades.

Por isso é que procuro colocar, neste texto, um elemento revolucionário a partir de algumas perguntas, que certamente não terão respostas, mas têm a finalidade de instigar o leitor a pensar sobre este assunto. Como e quando conseguirá encontrar novamente a condição básica que os torna humanos?

Mészáros aponta algumas questões para a superação desta alienação na teoria marxista. Acredita que a natureza do homem não é fixa, pois ele se determina em sua própria atividade, “se essa atividade for transformada, a natureza humana hoje egoísta se modificará, de maneira correspondente”¹².

Para finalizar, deixo aqui transcrito uma passagem de Friedrich Engels em um texto intitulado Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem: “O trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”.

Ma será que este trabalho a que Engels se refere é o trabalho assalariado? Parece que não, como se viu no transcorrer deste artigo, o trabalho que resgata ao homem sua condição humana é aquele que ele próprio idealizou, produziu, todo o processo lhe pertence, inclusive o produto deste trabalho, ou seja, um trabalho que “deveria ser uma propriedade interna, ativa do homem”¹³.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Giovanni. O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1995.

CORIAT, Benjamin. Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização. Trad. Emerson S. da Silva. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 1994.

¹² MÉSZÁROS, 2006, p. 137.

¹³ Ibidem, p.146.

- IANNI, Otávio. Sociedade Global. 5ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I, vol 1. Tradução de Reginaldo Sant'anna. - 16ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I, vol 2. Tradução de Reginaldo Sant'anna. - 17ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MARX, Karl. Manuscritos económico – filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Alfa-omega.
- MARX. Vida e pensamento. São Paulo: Martin Claret, 1997.
- MATRIX. Escrito e dirigido: The Wachowki Brothers. Produção: Joel Silver. Intérptes: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Gloria Foster, Joe Pantolino e outros. Música: Don Davis. Supervisor de efeitos especiais: John Gaeta. Los Angeles: 1999, VHS (150 min).
- MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.
- NETO, Benedito R. de Moraes. Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1991.